

PERSONAGEM NEGRO EM ROMANCE DE ANDRÉ SANT'ANNA: ENTRE A LEGITIMAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS E A REFLEXÃO SOBRE MINORIAS

Bibiana Zanella PERTUZZATI⁵⁶

Ana Paula Teixeira PORTO⁵⁷

Resumo: Em *O paraíso é bem bacana*, de André Sant'Anna, romance lançado em 2006, há um enredo no qual personagens negros aparecem em evidência. Entre eles, Manoel dos Anjos, Mané, protagonista da narrativa, um adolescente negro e pobre que vive à mercê de tudo e de todos que convivem com ele. Partindo dessa observação, este trabalho analisa a constituição do negro na narrativa, com o objetivo de mostrar como Mané exemplifica a legitimação de estereótipos e reflete sobre minorias sociais e raciais na sociedade brasileira contemporânea.

Palavras-chave: André Sant'Anna. Romance contemporâneo. Minorias.

Abstract: In André Sant'Anna's novel *O paraíso é bem bacana*, released in 2006, black characters appear in evidence in the plot. Among them is Manoel dos Anjos, Mané, the protagonist of the narrative, a black and poor teenager who lives at the mercy of everything and everyone who lives with him. Based on this observation, this work analyzes the constitution of the black character in the narrative, with the aims of showing how Mané exemplifies the legitimation of stereotypes and of reflecting on social and racial minorities in contemporary Brazilian society.

Keywords: André Sant'Anna. Contemporary romance. Minorities.

⁵⁶ Graduada em Letras - Língua Portuguesa e mestre em Letras – Literatura Comparada da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, câmpus de Frederico Westphalen/RS. E-mail: bybypertuzzati@hotmail.com

⁵⁷ Mestre e doutora em Letras. Professora e sub-coordenadora do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, câmpus de Frederico Westphalen/RS. E-mail: anapaula@uri.edu.br

No rol de textos da literatura brasileira, é visível o baixo índice de personagens negros como protagonistas em romances. Em um mapeamento de Regina Dalcastagnè (2008) sobre “Personagens do romance brasileiro contemporâneo”, considerando-se um *corpus* de produções dos anos de 1990 a 2004, encontram-se dados que comprovam a diferença quantitativa entre personagens brancos e negros da literatura contemporânea brasileira. De um total de 1245 (100%) personagens, 994 (79,8%) são brancos e 98 (7,9%) são negros, o que significa que em um país amplamente miscigenado como o Brasil, a literatura é, em grande escala, branca.

Dado similar a este é apontado na pesquisa de Emanoelli Picolotto (2017). Em sua investigação, a mestrandia estuda os romances vencedores do Prêmio Jabuti das edições de 2000 a 2016 e revela, entre outros dados interessantes, que, no rol dessas obras, personagens que representam minorias sociais, raciais e sexuais estão ausentes, entre os quais negros. Não há nessas narrativas valorizadas pelo Prêmio protagonistas negros e sequer eles aparecem como coadjuvantes nessas histórias.

Além disso, outro dado relevante trazido por Regina Dalcastagnè (2008) refere-se ao perfil socioeconômico dos personagens. Enquanto a elite econômica branca apresenta 36,2%, a elite econômica negra é representada por 10,2% dos personagens. Já na representação dos personagens pobres, os brancos são 15,5% e os negros 73,5%. À vista disso, corrobora-se com as palavras da pesquisadora ao proferir que “a literatura segrega os negros nos segmentos de menor renda, mais do que ocorre na realidade”. (DALCASTAGNÉ, 2008, p. 93). Com base nessas informações, compreende-se que o preconceito a negros é cultivado na sociedade brasileira e também é representado em discursos artístico-literários.

Em um dos poucos exemplos da literatura brasileira do século XXI que traz personagens negros no centro das cenas, o romance de 2006 *O paraíso é bem bacana*, de André Sant’Anna, é um objeto que carece de um olhar crítico no que tange à constituição de personagem negro. Ao se refletir como negros são representados na obra, constata-se que ela apresenta um movimento ambíguo: entre a legitimação de estereótipos de jovens negros e uma abordagem descritiva do entorno das minorias raciais e sociais. No geral, o livro parece eximir-se de uma reflexão contestadora e propositiva, pautada em uma linguagem também reflexiva, acerca das minorias.

Redigido em 451 páginas que formam um único capítulo, *O paraíso é bem bacana* é definido como uma “ficção alucinada, repetitiva e prolixa” (DIAS, 2009, p. 157) que descreve a história de Mané, um garoto pobre e infame que morava em Ubatuba, interior de São Paulo,

mas que, pelo seu talento no futebol, obteve a chance de jogar em um time da cidade de Berlim, na Alemanha. Sob esse viés, a narrativa estabelece um diálogo com a vida social brasileira: representa o sonho de meninos pobres, entre os quais muitos negros, em “vencer na vida”, jogando futebol em países estrangeiros, como reconhece o narrador do romance ao dizer que “Naquela cidade pequena filha-da-puta, jogar bem futebol valia quase tanto quanto dar porradas nas caras dos filhos-da-puta na saída da escola” (SANT’ANNA, 2006, p. 13).

O texto romanesco é composto por uma associação de vozes dos personagens e do narrador, as quais compõem “uma espécie de painel de falas performáticas, integrado pelo próprio narrador” que “não só se apoia numa intensiva oralidade, e na natureza subdesenvolvida do jargão de cada personagem, como também, pela pobreza geral da linguagem” (DIAS, 2009, p. 2). Uma “pobreza” linguística que se revela na limitação vocabular, no uso de gírias, nas marcas da oralidade informal, na reiteração de palavrões e linguagem chula dos personagens para, em um primeiro momento, representar o universo de Mané, o personagem central.

Manoel dos Anjos, Mané, é um jovem negro, filho de prostituta, que o define como “um bostinha, filho daquele bostão que me comeu e fez ele. Comeu, não. Estuprou. O pai era burro, eu sou burra e ele é burro.” (SANT’ANNA, 2006, p. 28). O rapaz vive imerso em uma realidade violenta, tanto moral, quanto fisicamente e, dado o seu contexto limitado para lhe oferecer uma vida digna, é um exemplo do “pobre infeliz, à beira da debilidade mental, que tem talento para jogador de futebol, mas cuja capacidade de tirar proveito disso é extremamente limitada em função das marcas de seu meio miserável lhe impôs” (VIDAL, 2007, p. 137).

O protagonista, que vive em delírios depois que vai para Alemanha em busca de sucesso nos campos, é apresentado na narrativa por várias vozes – a do narrador e a de outros personagens, e, quanto maior é a aproximação entre Mané e os amigos, mais informal é a linguagem que o define. O leitor conhece Mané especialmente pelo olhar do outro (narrador e personagens), pois o texto, mesmo que o eleja como personagem central, não lhe concede o domínio do discurso seja no plano de linguagem, seja no plano de “autoria” de sua própria história. Sabe-se da história de Mané pelo olhar de sua mãe, dos amigos e do narrador. Todos com um ponto em comum: acentuar o quanto Mané deixou a desejar, o quanto é passível de deboche, sarcasmo e desprezo, inclusive da própria mãe. Esta, depois que sabe que o filho sofreu atentado na Alemanha, revela:

Agora vem com essa história de bomba, de hospital, que é pra mim cuidar dele. Não vou cuidar porra nenhuma e se morrer não vai fazer falta. Filho que nem ele já não serve prá nada, eu já não ganhei nada tendo um filho

burro, o Mané. Agora, aleijado é que eu não vou querer mesmo. ele ficou aleijado, não ficou? Imagina. (SANT'ANNA, 2006, p. 28).

Os outros ainda definem Mané como um jovem incapaz de “empoderar-se” ou ficar no mesmo patamar dos amigos que o julgam. As definições dadas por quem convive com Mané são negativas: “Tadinho do Mané. Moleque, moleque. (...) Já comi umas quinze, dezesseis aninho. Tudo querendo conhecer o tamanho da jeba do negão. Mas o Mané é mané mermo. (...) O Mané era muito burro, acreditava em tudo o que a gente falava.” (SANT’ANNA, 2006, p. 11). Mané, nas situações em que é discriminado, pensa, mas não age e se deixa levar pelas sugestões de amigos e familiares, e por este motivo apelidaram-no de Mané. A própria redução do nome Manoel para um substantivo próprio diminutivo que se funde, numa outra leitura, com o substantivo de conotação pejorativa, já é um ponto de construção estereotipada do personagem negro.

Em relação ao nome do personagem, à descrição que este recebe da mãe e ao talento do menino para o futebol, é possível pensar que, se por um lado essa construção do personagem pode ser uma possibilidade de a narrativa tecer uma crítica social sobre perspectivas de pobres ascenderem socialmente, por outro acentua a estereotipia relacionada aos meninos negros pobres. Estes, em visões preconceituosas, só podem “crescer na vida” através da força física, do trabalho com o corpo, nos quais o futebol seria a representação perfeita dessa condição.

Essa possibilidade interpretativa ganha reforço com a passagem em que Mané sofre delírios, o que também acentua a sua condição de morbidez. Durante sua experiência no país estrangeiro, o jovem passa a viver vários desvarios nos quais se destacam o desejo de masturbação e de realização de sexo com diversas mulheres:

E vai continuar. É setenta e duas. Cada hora, uma vem ficar comigo. E depois vem duas e depois vem dez e depois vem as setenta e duas tudo e por isso que continua, porque eu tô querendo e sempre que eu tiver querendo, vai continuar acontecer tudo que eu tô querendo e eu não quero ficar sozinho, quero ficar junto com elas (SANT’ANNA, 2006, p. 50)

[...] E elas, setenta e duas que eu contei, fica agora tirando as calcinha com aquele negócio peludo cor de rosa e aquelas corrente tudo de ouro, que é ouro puro mesmo que eu sei, que nem na novela que tinha aquelas mulher que tinha aquelas perna, com aquelas bunda e aqueles peitão que aparecia saindo do lado de fora do sutiã cheio de corrente de ouro e umas moeda e elas vem pra cima de mim e eu não preciso fazer nada, nem ficar com vergonha porque elas tudo me ama mesmo [...] (SANT’ANNA, 2006, p. 09)

Os constantes delírios eróticos concretizam por pensamento aquilo que de modo físico Mané sente-se incapacitado e constrangido para colocar em prática, explica Dias (2009). Os desejos sexuais do personagem, mesmo que sejam expressos em uma condição de inexistência

de juízo pleno, pois se relacionam a alucinações, salientam a perspectiva pejorativa de constituição de Mané. A este não são dados atributos positivos, como os de inteligência, perspicácia, dedicação, capacidade intelectual, aptidão para o trabalho, etc, mas, pelo contrário, são atribuídas qualificações negativas que o levam a uma posição de inferioridade intelectual, cultural e social.

Avaliando-se sob esse prisma, o personagem exemplifica a condição de “menoridade” dada aos negros na literatura brasileira. Para Assis Duarte (2013, p. 147), em estudo sobre como os negros aparecem nas obras, “Enquanto personagem, o negro ocupa um lugar menor na literatura brasileira.” Esse espaço, segundo o autor, está relacionado a fatores diversos, como: posições secundárias atribuídas a eles nos textos, em comparativo com o que se vê em personagens brancos; a presença em textos da “literatura negra”; e o não aparecimento da literatura de autores negros em manuais de literatura.

O livro de André Sant’Anna, mesmo sendo escrito no século XXI, portanto, uma produção bastante recente, parece seguir essa mesma tendência literária identificada ao longo da história da literatura brasileira. Ao arranjar diversos traços sobre Mané, compondo um desenho descritivo de tom “menor” e pejorativo do sujeito, acentua esse lugar “de segundo grau” do negro na literatura, legitimando uma condição subalterna que poderia, ao menos, ser questionada, tensionada. Isso não significa exigir um “compromisso moral” à literatura, porque esta não o tem nem deveria ter, mas, por outro lado, não significa que a naturalização de uma configuração que minimiza o negro não pode ser ao menos discutida.

A legitimação da “menoridade” de Mané também é construída no plano linguístico. As constantes repetições da frase “Mas não”, que aparecem ao longo de toda narrativa, acentuam a negação inerente à vida do sujeito, como se dissesse ao leitor o que Mané poderia ter sido, porém não foi, como se houvesse uma espécie de débito na vida do sujeito. Ao se considerar que a forma como a linguagem é usada também revela um posicionamento ideológico, social e cultural, é possível afirmar que o narrador investe no seu discurso uma visão negativa acerca do personagem. Confirma-se o “menos” do personagem na construção discursiva da fala do narrador.

A repetição de palavras em uma única frase, a falta de pontuação, os termos usados pelos personagens, os seus discursos longos que incitam uma espécie de cansaço no leitor – tudo é forma de linguagem que ratifica a perspectiva de “menoridade” do sujeito negro. Em relação ao discurso contínuo, entende-se que esta fadiga provocada no leitor é um recurso utilizado para apresentar como é a vida do personagem Mané, ou seja, a maneira como o texto

é elaborado permite que o leitor vivencie juntamente com o personagem seus conflitos diários, que são constantes e parecem reiterados, cansativos, desanimadores.

O emprego de palavras chulas, de baixo calão, que permeiam o texto, transmite aos leitores uma ideia da fala local, ou seja, o autor, ao representar uma realidade encontrada na sociedade brasileira, molda a linguagem do texto de modo banalizado. Dessa forma, no que diz respeito aos palavrões, pode-se destacar o impacto provocado nos leitores ao deparar-se com a primeira página do livro:

O Mané podia ter dado uma porrada bem no meio da cara daquele gordinho filho-da-puta.
Mas não.
O mané ficou rodando em volta do gordinho filho-da-puta, olhando para os lados, esperando que algum filho-da-puta logo apartasse a briga.
Mas não.
Eles eram todos uns filhos-da-puta e queriam ver um filho-da-puta batendo no outro. (SANT'ANNA, 2006, p. 07)

Com base no exposto acima, nota-se que, além da repetição da palavra filho-da-puta, a violência também está presente, tanto moral quanto fisicamente, o que reforça o contexto degradado de origem do personagem negro. Considera-se que essa violência é uma forma de salientar, para o público leitor, o contexto marginal e agressivo em que os negros se encontram, e a literatura estaria representando a vida real num universo que não se quer apenas fictício.

Dessa forma, pode-se pensar em uma reflexão acerca dessa realidade vivenciada por Mané: ao se enfatizar o estereótipo do negro, isto é, rotulá-lo como um ser marginal pelo tom da pele e pela trajetória que ele percorre, o livro seria um exemplo de representação do que a maioria das narrativas brasileiras tem feito – colocar o negro em uma posição de inferioridade sem questionar o porquê dessas possibilidades. Representa algo comum na vida social brasileira sem apelar para questionamentos reflexivos.

Assim, compreende-se que essa obra é um exemplo de ficção contemporânea que apresenta a marginalidade do negro com naturalidade, ou seja, é legitimadora de uma condição subalterna desse sujeito. Dessa forma, a narrativa aborda uma visão estereotipada da vida em sociedade, uma vez que a violência da linguagem é encarada com simplicidade e sem contestação. Além disso, a repetição de palavras e a negação verificadas neste fragmento também exprime uma ideia de que o personagem está frente a uma briga e não encontra nenhum meio para escapar desta situação desconfortável.

Com base em Pellegrini (2005), acredita-se que a literatura se transforma em representação do real a partir do momento em que ela é inserida no discurso. Logo, para que isso se concretize, o que é visto na realidade torna-se literatura, haja vista a presença contínua dos temas sexo, violência e morte, que se tornaram, nos últimos tempos, assuntos indispensáveis para os escritores contemporâneos. Nessa perspectiva, de representação de violência, a autora garante que “a violência, por qualquer ângulo que se olhe, surge como constitutiva da cultura brasileira” (PELLEGRINI, 2005, p. 134).

Sob esse prisma, é possível pensar que a caracterização de Mané exposta no livro de André Sant’Anna é uma forma indireta de mostrar o quão a violência é constante no Brasil e ainda como ela impera sobre a população negra, o que poderia remeter a um possível potencial crítico-reflexivo do romance. Mané explicita essa condição periférica e tradicional a que homens negros estão historicamente acometidos no Brasil.

Outra característica relevante para o entendimento da trama é a questão do narrador. Nesta narrativa ele apresenta-se predominantemente em terceira pessoa, haja vista a mistura proposital, isto é, a troca rápida e embaralhada de narradores, que ocorre a cada parágrafo exposto no texto. Há mudanças repentinas de vozes no decorrer do texto, já que se encontra em cada parágrafo uma situação da vida de Mané descrita por uma voz diferente, que na grande maioria das vezes, será dos médicos, mãe, irmã, técnico do time de futebol, vizinhos e colegas do clube, enfim, as pessoas mais próximas do cotidiano do personagem. Essa mistura de vozes contribui para que o leitor compreenda, sob vários pontos de vista, a rotina atormentada do personagem central do romance, mas por outro lado revela a omissão da voz do sujeito.

A partir da leitura do romance, constata-se que o tempo da narrativa é em grande proporção com alteração da ordem temporal, haja vista a presença de analepses, ou seja, há ocorrência de *flashbacks*, voltas ao passado. Esse recurso garante uma melhor compreensão acerca da trajetória fracassada de Mané, uma vez que a narrativa compreende fatos da infância a juventude do personagem, e, ao mesmo tempo, assinala um movimento cíclico de insucessos: mesmo estando na Europa, Mané vai continuar sendo “mais um”, pois não consegue ultrapassar as barreiras sociais que o impedem de ascender profissionalmente.

Isso fica evidente porque, ao receber a chance de jogar futebol em um clube da Alemanha, Mané aceita sem contestar, porém, ao conhecer Uéverson, outro brasileiro que também foi convocado para jogar no Hertha Berlin, e os demais meninos do time, o personagem continuou sendo pressionado a sair com mulheres, uma vez que, segundo os

colegas, ele não tinha mais idade para continuar virgem. Precisava, então, arrumar uma namorada para não o chamarem mais de “veado”. Sufocado diante desta pressão psicológica, Mané converte-se ao Islamismo e comete um atentado terrorista.

Dessa forma, ao se colocar em uma posição de terrorista, provocando um atentado sob seu próprio corpo, acredita-se que o personagem Mané, sujeito que, segundo as descrições encontradas na narrativa, vivia imerso em uma realidade violenta desde que nascera, apropriou-se com livre arbítrio da violência física, a fim de solucionar seus conflitos pessoais. Contudo, tal acontecimento enternecedor, que provoca indignação no leitor, ainda é um fato comum e banalizado internacionalmente.

Assim, corrobora-se com o pensamento de Dias (2009) ao afirmar que o enredo deste romance é um ataque terrorista provocado pelo personagem Mané, que convertido ao Islamismo, vira homem-bomba, explode-se dentro do campo de futebol, sem atingir ninguém, pois apenas ele mesmo sofreu as consequências. Internado em um hospital, “destruído pelo impacto da bomba” (SCHØLLHAMMER, 2001, p. 74) Muhammad Mané realiza o sonho de ganhar o paraíso, prometido por Alá para aquele que provar ser um mártir. E em suas alucinações relata como é o paraíso com as setenta e duas virgens que estão sempre a sua disposição para realizar todas as suas vontades.

A construção do romance é resultado de um enorme esforço estilístico, um mosaico de vozes disparatadas, girando em torno dos mesmos acontecimentos, narrados sempre no limite entre fantasia delirante e algum fio tênue de razão que nunca chega a amarrar o relato a um fio terra ou pretende oferecer dele uma síntese plausível. (SCHØLLHAMMER, 2011, p. 74)

O pensamento de Schøllhammer (2011) ratifica que a obra explora a ocorrência das fantasias alucinantes do protagonista que, cansado de um contexto que lhe hostiliza e oprime, vê na morte, na busca pelo paraíso, uma opção adequada para a vida. Em outros termos, uma legitimação de que Mané não se adéqua a padrões, está à mercê de um contexto idealizado e, não vivendo uma vida sonhada, o destino é a morte. Não há outro desfecho para quem está fora do sistema.

Essa dificuldade de superação de Mané é marcada em todo romance. O garoto negro, nascido no interior do estado de São Paulo, vem de uma família constituída por três membros, a mãe e dois filhos, cujas trajetórias assemelham-se pelas insuficiências (de recursos, de afeto, de amor, de cultura, etc). A personagem mãe é prostituta e alcoólatra, a irmã mais nova já está prometida para o ramo da prostituição assim que atingir os doze anos de idade, e o Mané, que

sem uma sólida constituição de família, isto é, presença de pai e mãe, torna-se um sujeito alienado do mundo.

Quando criança, Mané ia para a escola, mas apresentava dificuldades na aprendizagem, por isso, seus colegas debochavam de sua cara toda vez que ele pronunciava uma palavra que pertencia a fala local, isto é, própria da comunidade que ele estava inserido. Nota-se pelas descrições da narrativa, que o personagem não possuía o corpo perfeito para ser jogador de futebol, mas, quando teve a oportunidade de jogar pela primeira vez, encantou a todos por apresentar um talento comparado ao do “Rei Pelé”. Dessa forma, após jogar futebol na categoria Dente de Leite da escola em que estudava, Mané foi descoberto por técnicos de times profissionais, que o convidaram para jogar no Santos Futebol Clube e posteriormente em um time estrangeiro.

A fase das descobertas sexuais exploradas na adolescência é outra característica abordada no romance que define a personalidade de Mané. Para mostrar que era homem de verdade, o jovem era obrigado pelos amigos a praticar onanismo, e foi a partir desta prática que o menino encontrou uma fonte de prazer, que lhe permitia esquecer da violência que o cercava, tanto física quanto moralmente. A partir disso, Mané começou a reproduzir cotidianamente em seu imaginário cenas eróticas, rememorando imagens de filmes e de revistas assistidos com os amigos.

Por não ter voz ativa e aceitar ser chamado como um sujeito desinformado, Mané era tratado por todos que conviviam com ele como um ser ignorante, uma vez que se permitia passar por situações repugnantes e nojentas que provocam sensações desagradáveis no leitor no momento da leitura, como mostra o fragmento:

Enquanto o filho-da-puta do Carioca segurava o Mané, sob o olhar justo dos dois PMS, o filho-da-puta do Levi enfiou na boca dele, do Mané, a segunda fatia de pão com bosta, mijo, cuspe e tudo quanto é tipo de merda que fica na privada fedorenta de um banheiro imundo de uma lanchonete suja de uma cidade pequena filha-da-puta. (SANT’ANNA, 2006, p. 111)

Nota-se, na leitura do romance, que o personagem negro é desconstruído como sujeito da narrativa, uma vez que este é silenciado e sofre calado, como é possível identificar no fragmento anterior. À vista disso, cabe ratificar as palavras de Luciano (2012) ao afirmar que o negro na literatura brasileira é verificado nas obras somente como objeto, haja vista o modo como é inferiorizado etnicamente em relação aos personagens brancos:

Ao analisar as obras da Literatura Brasileira, percebemos que o negro dentro dessa escrita literária é quase sempre evidenciado com estereótipos

negativos, nesse sentido, a significação desse grupo étnico nas obras, quase sempre aparece de modo pejorativo, submetendo-o a humilhações, às vezes percebe-se até um preconceito explícito, que deixa transparecer atitudes de rejeição [...] (LUCIANO, 2012, p. 307)

Ainda com base no suporte teórico de Luciano (2012), cabe afirmar que a representação do personagem Mané, o garoto negro da narrativa, é estereotipado e perdura desde o período colonial brasileiro, em que era costume rotular o negro nas páginas dos livros. É uma perspectiva histórica, pois, segundo Castilho (2004) em referência ao histórico de representação do negro na literatura brasileira, há dois caminhos marcantes: o silenciamento de sua presença, notadamente antes da abolição da escravatura, ou sua projeção como sujeito inferior. Em diferentes obras e com distintos enredos e modos de construção de personagem, parece existir um movimento de ocultamento e deslegitimação da imagem do negro, pelo menos no que se vê na história literária que se impõe nos manuais de literatura disseminados em instituições escolares e cursos de formação. Este processo passa também a ser fortalecido no romance analisado.

Outrossim, a construção de Mané remete-se à diferença entre “Literatura Brasileira” e “Literatura Afro-Brasileira”: enquanto a literatura brasileira prioriza o negro como objeto, a literatura Afro-Brasileira preocupa-se em denunciar esta perspectiva, a fim de tornar o personagem um sujeito e não um ser excluído da nossa sociedade.

Ao fazer esta abordagem, dentro de uma perspectiva social, fica evidente que o negro, por seu histórico de exclusões e séculos de escravidão, ainda não conseguiu se inserir na sociedade, pois ainda sofre com esse processo discriminatório [...] (LUCIANO, 2012, p. 314)

Isso posto, entende-se que é por causa deste viés de exclusão social que o negro ainda sofre discriminação em nossa sociedade. Ao analisar o personagem Mané, compreende-se que ele é uma “caricatura”, ou seja, uma representação de muitos outros jovens que sonham em sair das pequenas cidades brasileiras e garantir uma vida melhor através do futebol. Além disso, ao final da narrativa, um dos narradores se questiona sobre quem foi o Mané, e apenas se lembra de um gol que ele convertera na final de um campeonato paulista, sem atribuir importância sobre sua pessoa, o que ratifica a ideia inicial de que o Mané está representando todos os jovens que sonham com a ascensão pelo esporte. Confirma-se aí outro estereótipo: o de que o negro, para ganhar a vida e ascender, só tem essa possibilidade se tiver talento futebolístico. De outra maneira, como com esforço e capacidade intelectual, parece não ser possível.

Refletindo sobre a configuração do personagem central do romance, algumas questões surgem: Por que jovens como Mané não poderiam vencer, explorando seus atributos intelectuais, como muitos meninos brancos? Por que é chamado de Mané? Por que a mãe,

vendo-o como possibilidade de sustento, o chama de “bestinha”? Mané não poderia “ser dono de sua história”, sendo protagonista e não um sujeito coadjuvante? Ao se fazer um contraponto entre o que o romance apresenta na constituição do sujeito negro e as possibilidades que ele poderia ter seguido para esse fim, entende-se que há uma tendência em legitimação de estereótipos, de confirmação de preconceitos historicamente enraizados na cultura brasileira.

Mas se pode ir além, ao pensar numa leitura ainda global do romance. Ele postula o destino sombrio e periférico a que são condenados os homens pobres e representantes de minorias étnicas como os negros. O final do romance, que poderia sinalizar não só a necessidade de uma mudança de status, mas indicar um novo momento para Mané, ratifica a condição inferiorizada da vida dele. No excerto a seguir, o personagem divaga sobre sua vida, pensando na possibilidade de haver um Deus que goste dele e o ampare, porém enxerga que essa possibilidade é inexistente e a desesperança, evidente:

Eu é que inventei as coisa toda (...) pra fingir que tem alguém que gosta de eu, pra fingir que tem um Deus que gosta de eu, que não vai deixar nunca que eu ficasse com essa dor toda no cuzinho, nos pensamento. Mas não tem nada, nada, nada...Tem só dor, sempre foi, só essa dor no cuzinho. Quer saber quem sou eu? Eu sou é essa dor no cuzinho nesse escuro preto que não vai acabar nunca. (SANT'ANNA, 2006, p. 450)

A imagem do negro apresentada na narrativa é uma visão de personagem sem voz, tratado como objeto, uma vez que é sempre visto a distância e com desdém. Seria o mesmo distanciamento que, na vida real, a sociedade faz historicamente com as minorias. Literatura representando a vida social poderia se supor. No entanto, a construção da obra, em sua forma e suas temáticas, é também uma representação do negro com caráter estereotipado, confirmando essa condição. O romance confirma a estereotipia da identidade de negros historicamente construída no Brasil a partir de um viés preconceituoso, conservador e misógino que vê o negro como sujeito sem cultura, inferior, propício a ser escravizado nas mais variadas formas (como a social, a profissional e a sexual). Dessa forma, concluindo essas reflexões, cabe trazer a voz de Assis Duarte que, ao comentar sobre a literatura brasileira recente, afirma que:

Como se vê, o texto contemporâneo reproduz, em grande medida, a atitude predominante no romance brasileiro de todos os tempos: o sequestro do negro enquanto individualidade pensante, guardião de uma memória tanto individual quanto familiar ou comunitária; o sequestro do negro enquanto voz narrativa, expressa na primeira pessoa do singular, com as prerrogativas inerentes ao desnudamento da subjetividade em todos os seus aspectos; e o

sequestro, por fim, da própria humanidade inerente à maioria dos brasileiros ao retratá-los sob a moldura estreita ditada pelo estereótipo e pelos metarrelatos da cordialidade e da democracia racial. (DUARTE, 2013, p. 148)

Compartilhando com essa perspectiva e relacionando essas considerações à leitura da obra *O paraíso é bem bacana*, é possível salientar que o texto de André Sant'Anna é um outro exemplo de produção literária recente que enaltece o movimento de reprodução de uma lógica já conhecida de negação da potencialidade de o negro ser um sujeito ativo de sua própria história e ser reconhecido como aquele sujeito capaz de ser íntegro, feliz, de sucesso. Nessa perspectiva, o romance continua a alimentar um processo de naturalização da exclusão de minorias raciais e sociais, porque estas permanecem em seus lugares periféricos, subalternos e invisíveis aos olhos de uma sociedade excludente como a brasileira.

Referências

CASTILHO, Suely Dulce de. D. A representação do negro na literatura brasileira: novas perspectivas. *Olhar de professor*, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, 2004. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1418>> Acesso em: 10 out. 2016.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, n. 31, p. 87-110, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2021/1594>> Acesso em: 03 set. 2016.

DIAS, Angela Maria. *O paraíso é bem bacana*: a última “teogonia às avessas” de André Sant'Anna. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 33, p. 157-170, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/1982/1553>> Acesso em: 03 set. 2016.

DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. *Revista Navegações*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 146-153, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/viewFile/16787/10936>. Acesso em: 02 jul. 2017.

LUCIANO, Hélio José. O negro na Literatura Brasileira: de objeto a sujeito. In: *Educação e movimento*. Anais... Universidade Estadual de Londrina. Londrina: UEL, 2012. p. 296-317. Disponível em: <www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/.../onegronaliteratura.pdf> Acesso em: 10 out. 2016.

PELLEGRINI, Tania. As vozes da violência na cultura brasileira contemporânea. *Crítica marxista*, Campinas, n. 21, p. 132-153, 2005. Disponível em: <www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/critica21-A-pelegrini.pdf> Acesso em: 10 out. 2016.

PICOLOTTO, Emanoeli Ballin. *Prêmio Jabuti e os romances premiados no século XXI: diálogos e intersecções*. 2017. 113f. Dissertação (Mestrado em Letras – URI). Frederico Westphalen, 2017.

SANT'ANNA, André. *O paraíso é bem bacana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SCHØLLHAMMER, Karl Eric. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

VIDAL, Paloma. O ventríloquo cínico – sobre *O paraíso é bem bacana*, de André Sant'Anna. In: DEALTRY, Giovanna; LEMOS, Masé; CHIARELLI, Stefania (Org.) *Alguma prosa: ensaios sobre literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007. p. 135-144.